Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

Os Líbios na África Romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações arqueológicas em Ghirza e no Fazzan[1].

Libyans in Roman Africa: new historiographic perspectives from archaeological excavations in Ghirza and Fazzan.

Belchior Monteiro Lima Neto[2]

Resumo

No presente artigo, rediscute-se a imagem da África romana construída pela historiografia. Baseando-se numa lógica logocêntrica ancorada nas representações elaboradas por diversos autores grecolatinos, os historiadores tenderam a ora ressaltar as influências latinas sobre os povos "bárbaros" da região, ora enaltecer a resistência autóctone às invasões estrangeiras. Contrapondo-se a esta visão dicotômica, as recentes investigações históricas e arqueológicas demonstram o poder de agência dos diferentes grupos étnicos locais em contato com os afluxos culturais e materiais romanos, fato que é evidenciado nas escavações realizadas tanto no Fazzan quanto em Ghirza.
Palavras-chave: África romana. Fazzan. Ghirza. Historiografia. Arqueologia.

Abstract

In this article, we will discuss the image of Roman Africa built by historiography. Based on a logocentric logic anchored in the representations elaborated by several greek-latin authors, historians tended to emphasize the latin influences on the "barbarians" of the region and praising the indigenous resistance to foreign invasions. In contrast to this dichotomous view, the most recent historical and archaeological investigations demonstrate the power of agency of the local ethnic groups in contact with the cultural and materials roman influxes, a fact that is evidenced in the excavations both at Fazzan and Ghirza.
Keywords: Roman Africa. Fazzan. Ghirza. Historiography. Archeology.

Enviado: 25/11/2020
Aprovado: 20/12/2020

Introdução.

Com a promulgação da lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas de educação fundamental, a africanologia se consolidou como um campo de estudos historiográficos em plena ascensão. Nas últimas décadas, uma série de livros, coletâneas, artigos, dissertações e teses tomou como objeto de investigação problemáticas identificadas com o continente africano. Este crescimento editorial,

[1] As discussões levadas a cabo neste artigo são oriundas de conferência apresentada no dia 15 de julho de 2020 no *I Ciclo de Palestras online do Grupo de Estudos sobre Épico e Performatividade na Antiguidade*, realizado na Universidade de Pernambuco e intitulada *A África romana na historiografia: estigmatização, resistência e múltiplas identidades*.

[2] Professor de História da África do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenador e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (Ufes). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES), tendo pesquisa financiada pelo Edital Universal da Fapes.

proporcionado pela recente atenção dada à África pelos historiadores brasileiros, focou, sobretudo, em títulos associados a pesquisas que se debruçaram sobre questões atinentes ao tráfico atlântico de escravos e às relações íntimas de nossa história com a das diferentes sociedades africanas. Em suma, a História da África que ora emerge é, em grande medida, identificada com a modernidade e a contemporaneidade, estando a Antiguidade africana relegada a segundo plano.

As explicações para a ocorrência de tal fenômeno se relacionam à tradição historiográfica, que há mais de um século tendeu a desafricanizar as pesquisas dos antiquistas que se debruçavam sobre as sociedades africanas. Esse processo é percebido de diferentes maneiras, em diversas temporalidades e estudos acerca da África no Mundo Antigo, como, por exemplo, na insistência, verificada por décadas, da historiografia associar o Egito faraônico às civilizações do Oriente Próximo, fato que contribuiu para o próprio afastamento da egiptologia dos estudos africanos.[3] No tocante ao Norte da África no período romano, pode-se destacar a atuação de duas correntes historiográficas, vigentes entre o final do século XIX e as últimas décadas do XX, que compreenderam os acontecimentos atinentes à sociedade romano-africana como parte da História dos europeus em África.

O início do interesse historiográfico pelo Norte da África romano remonta ao final do oitocentos, sendo diretamente influenciado pelo contexto imperialista europeu. Legitimando as ações colonizadoras da época a partir do expansionismo romano no Mundo Antigo, diversos autores ressaltavam os benefícios da civilização greco-latina num período em que as potências europeias se apresentavam como herdeiras naturais da antiga Roma. René Cagnat exprimia de forma precisa os sentimentos de seus pares em relação às equivalências entre o imperialismo moderno e o romano: "podemos [...] comparar nossa ocupação da Argélia e da Tunísia àquela das mesmas províncias africanas pelos romanos. Como eles, nós conquistamos a região, [...] como eles, nós tentamos [...] ganhá-la para a civilização"[4].

A afirmação de Cagnat expressa uma tendência hegemônica na historiografia do período: a identificação da história romana em África como parte do passado europeu. Em

[3] O mais proeminente autor a reivindicar a africanidade do Egito faraônico foi Cheikh Anta Diop (2011), que, no capítulo inaugural do volume da *História Geral da África* dedicado à Antiguidade, defende a prevalência étnica negroide dos antigos egípcios. Para a compreensão das querelas historiográficas referentes à africanidade do antigo Egito, ver OLIVA, A. Desafricanizar o Egito, embranquecer Cleópatra. *Romanitas*, n. 10, p. 21-56, 2017.
[4] CAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire sous les empereurs*. Paris: Imprimerie nationale, 1913, p. 776.

grande medida, enfatizava-se o que Claude Lepelley[5] denominou como "Épica do retorno", isto é, a compreensão de que franceses, italianos e ingleses, em suas ações coloniais, estavam tão somente retomando suas antigas possessões territoriais. Corroborando com tal percepção, Gaston Boissier, em 1891, em seu discurso no *Congrès des Sociétés Savantes*, afirmou: "Nós viemos continuar uma grande obra de civilização [...], retomamos a posse de um antigo domínio, e esses velhos monumentos [...] são precisamente nossos títulos de propriedade".[6]

As afirmações de Boissier e Cagnat indicam uma completa desconsideração pelas tradições e heranças culturais púnica e líbia. Na percepção dos autores, a prosperidade e a riqueza exibidas pelos inúmeros mosaicos, edifícios públicos e monumentos que remontavam à Antiguidade norte-africana relacionavam-se, acima de tudo, às realizações de migrantes itálicos ou autóctones aculturados pelo processo de romanização, conceito que à época pressupunha a transformação completa do nativo em romano pela aceitação voluntária dos padrões estéticos, língua e costumes de seus conquistadores.[7] Considerava-se, em resumo, que havia um desnível cultural entre romanos e autóctones, uma percepção que evidenciava e reforçava a construção de pares dicotômicos como civilizado/primitivo, europeu/africano.

A produção historiográfica que se debruçava sobre a Antiguidade norte-africana começou a se transformar na década de 1960. A consolidação da descolonização na Argélia, Marrocos, Líbia e Tunísia, países que correspondiam às antigas Provinciais romanas na região, potencializou a emergência de uma nova perspectiva acadêmica, autodenominada "descolonizada" em oposição à anterior, pejorativamente batizada como "colonizada". A partir de então, autores como Laroui,[8] Kaddache[9] e Benabou[10] começaram a enfatizar a ubiquidade dos conflitos locais contra a autoridade romana, dando especial atenção a revoltas nativas como

[5] LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte. *Heródoto*, n. 1, v. 1, p. 418-437, 2016.
[6] *Apud* FEVRIER, P. A. *Approches du Maghreb romain*. Aix-en-Provence: Édisud, 1989, p. 89.
[7] Nas últimas décadas, influenciados por autores como Woolf, Huskinson e Revell, os investigadores dedicados à realidade provincial romana delinearam uma nova compreensão acerca das relações do Império Romano com as populações autóctones, atualizando-se o conceito de romanização como um termo guarda-chuva que abarca os múltiplos processos de mudança sociocultural, multifacetados em termos de significados e de mecanismos, que tiveram início com o relacionamento entre os padrões culturais greco-romanos e a diversidade provincial. WOOLF, G. *Becoming roman*. New York: Cambridge University Press, 1998, p. 7; HUSKINSON, J. *Experiencing Rome*. New York: Routledge, 2000; REVELL, L. *Roman imperialism and local identities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
[8] LAROUI, A. *L' histoire du Maghreb*. Paris: Maspero, 1970.
[9] KADDACHE, M. *L'Algérie dans l'antiquité.* Algiers: Société Nacionale d'Edition et de Diffusion, 1971.
[10] BENABOU, M. *La résistane africaine à la romanisation*. Paris: Maspero, 1976.

as de Jugurta, Tacfarinas e Firmo, tomadas como exemplos da oposição contínua e organizada dos norte-africanos à dominação estrangeira.

A ênfase dada à resistência frente ao imperialismo romano não rompera, contudo, com as dicotomias anteriormente estabelecidas por vieses de pesquisa considerados eurocêntricos. O par dicotômico romano/autóctone se perpetuava em interpretações históricas que enalteciam a beligerância nativa frente à usurpação estrangeira. A historiografia "descolonizada" manteve intacto o próprio processo de desafricanização do passado romano no Norte da África, compreendido como parte da história dos europeus no continente, numa concepção que se apresentava como o negativo, no sentido fotográfico do termo, daquela dos autores do período colonial.

Por vias diferentes, "colonizados" e "descolonizados" contribuíram para a desafricanização do Norte da África antigo, reforçando a oposição romanos/africanos. Conjecturando-se sobre os porquês de tal fenômeno, pode-se conectá-lo a perspectivas metodológicas afins verificadas nas duas correntes historiográficas, sendo ambas identificadas com uma leitura histórica fundamentada numa lógica documental logocêntrica. A representação literária construída pelos autores clássicos em relação aos norte-africanos se apresentava eivada de estigmatização e remontava, originalmente, a Heródoto no século V a.C.[11] Em suas *Histórias* (IV, 145-205), o autor constrói uma delimitação espacial que se tornou canônica no Mundo Antigo, separando o que ele denomina como Líbia em três áreas distintas: costa oeste, habitada por fenícios cartagineses e por líbios sedentarizados e influenciados pela cultura púnica; costa leste, ocupada por helenos (cireneus) e por autóctones que lhes imitavam os usos e costumes; e interior além do *habitat* das bestas selvagens, perfazendo um território limítrofe às terras tórridas do deserto, habitado por indivíduos nômades, selvagens e com traços inumanos.

Essa percepção espacial construída por Heródoto tornou-se uma convenção literária no período imperial romano, sendo reproduzida de forma uníssona pelos autores que descreveram a África/Líbia à época. Salústio (*Guerra de Jugurta*), Estrabão (*Geografia*), Pompônio Mela (*Corografia*), Plínio, o Velho (*História Natural*), Tácito (*Anais*; *Histórias*), Cláudio Ptolomeu (*Geografia*) são alguns exemplos de escritores grecolatinos que seguiram o *locus* herodotiano,

[11] Conceitua-se estigmatização, em consonância com GOFFMAN, E. *Estigma.* Rio de Janeiro: LTC, 1988, p. 70, como uma discrepância entre uma identidade social virtual – determinada aos indivíduos por meio das expectativas normativas – e uma identidade social real – aquilo que as pessoas efetivamente são. Em suma, os indivíduos e/ou grupos estigmatizados são tidos como desajustados, não se enquadrando nas normas sociais e possuindo uma identidade decaída, deteriorada, diminuída frente àquela que é considerada "normal" e desejável.

quer dizer, o paradigma retórico que percebia a ocorrência de um gradativo aumento da barbárie e da belicosidade à medida que se afastava da costa Mediterrânea (políade) e se aproximava dos confins do deserto meridional, território caracterizado pela inexistência de cidades e pelo nomadismo.[12]

Indo de encontro a tais percepções historiográficas antigas e contemporâneas,[13] podemos confrontá-las às recentes investigações histórico-arqueológicas realizadas no Fazzan e em Ghirza, sítios localizados no interior da atual Líbia. Com o auxílio de aportes da cultura material, os historiadores têm agora possibilidades ímpares de compreender a agência histórica dos grupos líbios na Antiguidade. Em relação aos garamantes, no Fazzan, e aos macae, em Ghirza, observa-se o modo como tais grupos se adaptaram às novas circunstâncias históricas ditadas pelo contexto imperial romano e as responderam de forma autônoma, com expedientes específicos que reforçaram suas respectivas posições de poder na região. Os trabalhos que se interrogam sobre as diferentes estratégias políticas, culturais e econômicas dos grupos autóctones norte-africanos frente à ingerência romana oferecem novas percepções históricas em relação às sociedades saarianas antigas, abrindo vieses ainda pouco explorados de pesquisa e de reflexão acerca da Antiguidade africana.

Os líbios à época romana: garamantes e macae

Os sítios arqueológicos do Fazzan e de Ghirza localizam-se numa região norte-africana comumente denominada na Antiguidade romana como Tripolitânia, que à época compreendia uma ampla extensão territorial, correspondendo às terras entre a cidade de Tacapae, a leste de Cartago, e a região da Sírtica, a oeste do Egito. Ao norte, a Tripolitânia era banhada pelo Mar Mediterrâneo; ao sul, fazia fronteira com o deserto do Saara, onde se localizava o *limes*

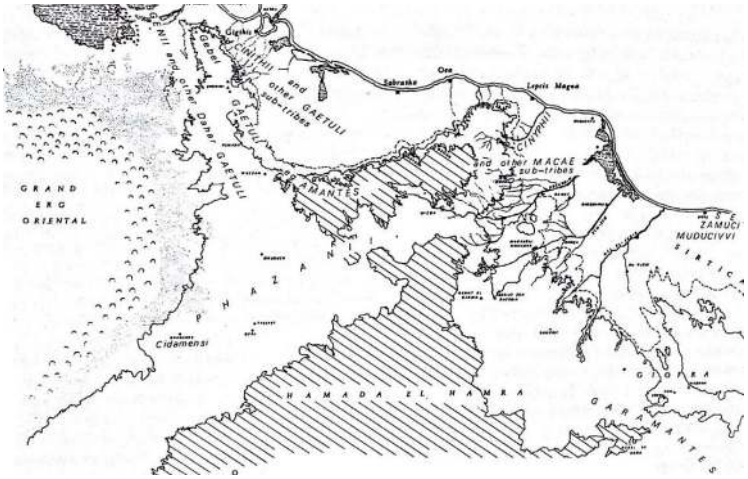
[12] Os romanos associavam civilização à cidade, percebendo-se civilizados porque pertenciam a uma cidade. A *civitas*, enquanto o conjunto dos cidadãos, era o centro da vida romana, sendo um território intramuros que isolava os cidadãos do mundo bárbaro exterior. Os marcos espaciais urbanos – fórum, teatro, anfiteatro, termas, templos, estátuas, muralhas – davam sentido à existência dos romanos, representavam a sua historicidade e agiam como fatores de identificação da elite municipal. LIMA NETO, B. M. *Bandidos e elites citadinas na África romana*. Vitória: Edufes, 2014, p. 19.

[13] No tocante às relações entre a historiografia antiga e contemporânea, ver MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

tripolitanus.[14] Em sua totalidade, a Tripolitânia era uma vasta região com cerca de 610 mil quilômetros quadrados, grande parte dela situada em áreas desérticas e pré-desérticas.[15]

Grosso modo, a Tripolitânia é formada por três diferentes zonas geográficas bem definidas: Gefara, Gebel e Dahar (Mapa 1). O Gefara constitui a planície costeira, de clima mediterrâneo, maior pluviosidade e formada por solos férteis e propícios à agricultura. Essa região abrigava, no período romano, as maiores aglomerações urbanas da Tripolitânia – a exemplo de Lepcis, Oea e Sabrata. Ao sul do Gefara, localiza-se a cadeia montanhosa do Gebel, de clima semiárido; e o Dahar, formado fundamentalmente por desertos e dunas de areia. Tanto no Gefara quanto no Dahar, a agricultura e a vida sedentária se desenvolviam ao redor dos esparsos oásis da região, como os situados no sul da Tripolitânia, nas localidades denominadas de Fazzan e Ghirza, territórios, respectivamente, de assentamento de dois importantes grupos líbios antigos: garamantes e macae.[16]

Mapa 1 – Tripolitânia romana



Fonte: Mattingly (1994, p. 24).

[14] Tal fronteira não constituía uma linha ininterrupta de separação entre o mundo romano e o "bárbaro" exterior, mas, ao invés disso, se caracterizava como uma região de contato entre diferentes culturas. Era formada por uma linha descontínua de fortes e estradas que dificilmente se poderia interpretar como um *limes* de defesa contra as ameaças externas. Correspondia, na realidade, a uma rede complexa de controle, administração e taxação dos movimentos das rotas transaarianas e da transumância de grupos seminômades que habitavam a região meridional e que sazonalmente atravessavam a fronteira à procura de pastos que fossem suficientemente abundantes aos seus rebanhos. MATTINGLY, D. J. et al. *Frontiers of the Roman Empire*: the african frontiers. Edinburgh: Hussar Books, 2013, p. 40-93; CHERRY, D. *Frontier and society in roman north Africa*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 24-74.

[15] Segundo números referentes à Tripolitânia: "Como um todo, [...] somente nove por cento das terras não são desérticas e três por cento são úteis à agricultura", MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. Michigan: The University of Michigan Press, 1994, p. 5.

[16] Para uma referência pormenorizada das citações presentes nas fontes literárias antigas acerca dos garamantes, do Fazzan, e dos macae, de Ghirza, ver MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*, p. 17-50; MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 4. London: Society for Libyan Studies, 2013, p. 76-79.

O Fazzan localiza-se nas franjas setentrionais do Deserto do Saara, numa região de clima desértico, com precipitação diminuta e não superior a 12 mm anuais, alcançando, no verão, temperaturas próximas de 50º C. O território controlado pelos garamantes era constituído por três cadeias de oásis encrustados em declives montanhosos e abastecidos por aquíferos subterrâneos: o Wadi ash-Shati, o Wadi al-Ajal e o Wadi al-Nashwa (Mapa 2). A partir das escavações realizadas nas diversas camadas de sedimentos arqueológicos analisados pelos pesquisadores vinculados ao *Fazzan Project*, nos sítios do Wadi al-Ajal e Wadi al-Nashwa, e à Missão Ítalo-Líbia, no Wadi Tanzzuft e na cidadela fronteiriça de Aghram Nadharif, estima-se que os garamantes organizaram uma entidade política estável e centralizada entre os séculos III a.C. e VI d.C, formando uma sociedade urbana com um sofisticado sistema agrícola e comercial.[17] O período de maior desenvolvimento do Estado Garamante, segundo Liverani,[18] ocorreu justamente entre os séculos I a.C. e III d.C., cronologia que coincide com o apogeu da sociedade romano-africana no Magreb, fato que reforça a hipótese que coloca o Fazzan como um território estratégico nas rotas transaarianas, caracterizando-se, na Antiguidade, como um nó de conexão entre a África Subsaariana – sobretudo, o lago Chade e a bacia do Níger – e o Mediterrâneo.

[17] MATTINGLY, D. J.; STERRY, M. The first towns in the central Sahara. *Antiquity*, n. 87, p. 504 – 505, 2013. As investigações anglo-líbias do *Fazzan Project*, levadas a cabo entre os anos de 1997 e 2001 e publicadas nos quatro volumes de *The Archaeology of Fazzan* (2003; 2007; 2010; 2013), laçaram nova luz sobre o antigo Estado Garamante nos confins do deserto do Saara. Outra importante contribuição histórico-arqueológica foi a Missão Ítalo-Líbia no Wadi Tanzzuft e na cidadela fronteiriça de Aghram Nadharif, organizada por pesquisadores associados à *Università Sapienza* de Roma, com destaque para LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the Garamantian kingdom. In: _____. *Arid lands in roman times*. Firenze: Edizioni All'insegna del Giglio, 2003, p. 23-36; LIVERANI, M. *Aghram Nadarif*: a Garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft. Florence: Society for Libyan Studies, 2006; e MORI, L. Between the Saara and the Mediterranean cost: the archaeological research in oasis of Fewet and the rediscovery of the Garamantes. *Bolletino di Archeologia on line*, n. 330, p. 17-30, 2010; MORI, L. Fortified citadels and castels in Garamantian times. In: FRIEDERIKE, J.; VOGEL, C. *The power of the walls*: fortications in Ancient Northeastern Africa. Cologne: University of Cologne, 2013, p. 195-216.

[18] LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the Garamantian kingdom..., p. 36.

Mapa 2 – Cadeias de oásis no Fazzan



Fonte: Mattingly (2003, p. 4)

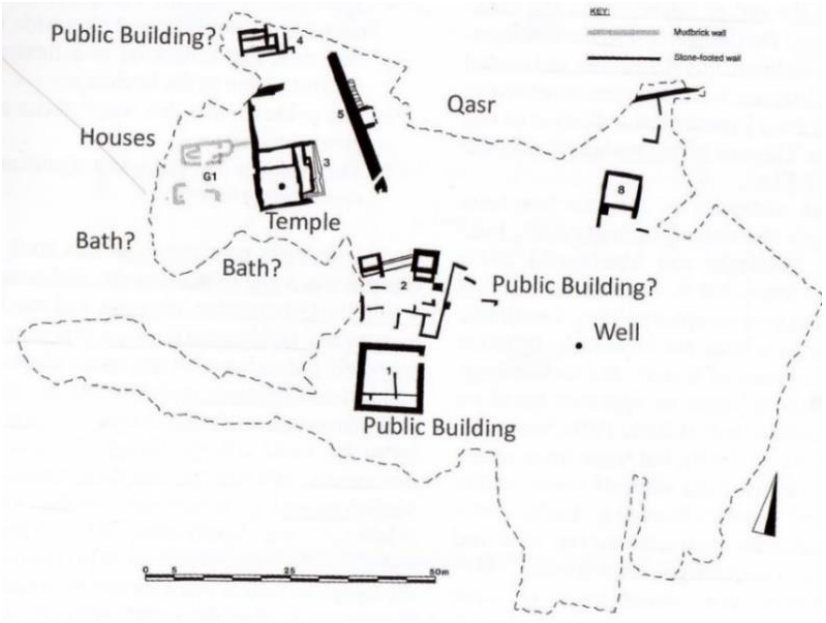
A organização urbana no Fazzan obedecia a uma complexa hierarquia, centralizada em torno de duas grandes cidades nodais, que perfaziam centros militares, administrativos e comerciais: Garama, localizada no Wadi al-Ajal; e Qasr ash-Sharraba, no Wadi al-Nashwa. Em torno destes dois centros, com população estimada entre cinco e três mil habitantes, gravitavam uma série de composições urbanas menores e dependentes das metrópoles regionais.[19] Na periferia de Garama e de Qasr ash-Sharraba, organizava-se um emaranhado de aldeias, *Qsurs* (fortalezas militares), vilas abertas guarnecidas por *Qsurs* e vilas fortificadas com muralhas. Foram catalogadas, no em torno de Garama, um sofisticado sistema urbano composto por 107 aldeias e *Qsurs*, 37 vilas abertas guarnecidas e 51 vilas fortificadas, o que permitiu aos investigadores do *Fazzan Project* estimar uma população total entre 50 e 100 mil habitantes.[20]

Ao confiarmos nos relatos de Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, V, 35) e de Cláudio Ptolomeu (*Geographia*, IV, VI, 12), Garama era a capital da entidade política organizada pelos garamantes. Tal possibilidade é corroborada pelos próprios resultados das escavações arqueológicas realizadas em seu sítio urbano, demonstrando que a cidade possuía um centro monumental com as mais imponentes construções citadinas do Fazzan, caracterizando-se como um núcleo administrativo formado por uma série de prédios e templos públicos (Figura 1), destinados, com grande probabilidade, a auxiliar um governo centralizado politicamente e sob o comando de um rei (Ptolomeu, *Geographia*, I, VIII). Destaca-se, na paisagem citadina de Garama, ademais, a existência de um templo religioso com inegáveis influências arquitetônicas

[19] Garama foi chamada de *metropolis* dos garamantes por Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, V, 35).
[20] MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 4, p. 525-534.

mediterrâneas, fato que abre possibilidades ímpares de investigação acerca das apropriações da cultura greco-romana entre os garamantes.[21]

Figura 1 – Centro monumental de Garama



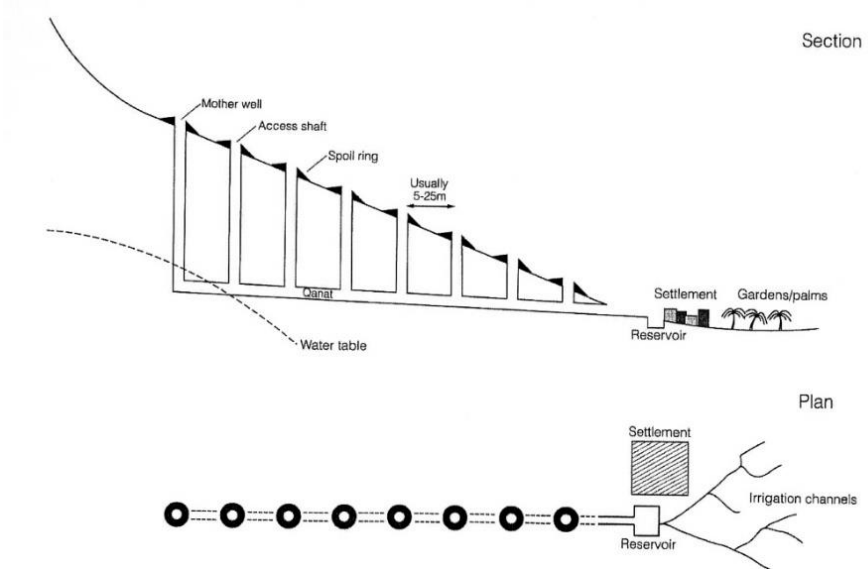
Fonte: Mattingly (2013, p. 289)

A vida urbana organizada pelos garamantes no Fazzan era possibilitada pela existência de um sofisticado sistema de irrigação, que fornecia as condições indispensáveis à ocupação de um território de clima desértico. Os *fogara* – uma tecnologia de captação fluvial típica das regiões áridas no Mundo Antigo –,[22] baseavam-se na drenagem de água de lençol freático por meio de túnel subterrâneo, utilizando a gravidade proporcionada por um declive no terreno (figura 2). Somente no Wadi al-Ajal foram catalogados 617 canais escavados no subsolo e acessíveis por meio de poços artesianos com profundidade de até 40 metros.[23] Como um todo, os *fogara* descobertos no Fazzan eram responsáveis por irrigar um território com cerca de mil quilômetros de extensão, abastecendo diretamente a rede urbana e seus respectivos campos agrícolas adjacentes. A tecnologia hidráulica desenvolvida pelos garamantes garantiu a produção de culturas diversas – como cevada, figueira, trigo, tâmara e sorgo –, provavelmente

[21] MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 4, p. 290-291.
[22] Os *fogaras* foram provavelmente inventados na Pérsia no início do I milênio a.C., difundindo-se, a partir do Egito, no século V a.C., para as demais regiões de clima desértico do Norte da África, como Fazzan, Marrocos e Numídia; MATTINGLY, D. J.; WILSON, A. Farming the Sahara: the Garamantian contribuition in Southern Libya. In: LIVERANI, M. *Arid lands in roman times*. Roma: Edizioni All'Insegna del Giglio, 2003, p. 39.
[23] MATTINGLY, D. J.; WILSON, A. Farming the Sahara: the Garamantian contribuition in Southern Libya, p. 37.

destinadas à subsistência da população local e à exportação, como demonstram duas ostracas provenientes do forte romano de *Bu Njem*, localizado no *limes tripolitanus*, que descrevem garamantes abastecendo com cevada a guarnição fronteiriça.[24]

Figura 2 – Sistema de *fogara* no Fazzan



Fonte: Mattingly (2003, p. 235)

Uma das atividades econômicas mais relevantes no Fazzan consistia nas trocas comerciais, principalmente as relacionadas à carreira transaariana. As fontes grecolatinas são pródigas em suas afirmações acerca da especialidade dos garamantes nas trocas à longa distância. Tácito (*Analles*, II, 52; III, 74; IV, 23-26; *Historiae*, IV, 50) os compreende, a título de exemplo, como exímios interceptadores de bens roubados, repassando os produtos adquiridos dos salteadores aos povos do interior do continente. Cláudio Ptolomeu, em sua *Geografia* (I, VIII), narra o episódio das expedições diplomáticas de *Septimius Flacus* (89) e de *Julius Maternus* (98), nas quais os generais romanos acompanham o rei dos garamantes em seus contatos comerciais com a lendária Agisymba, nome dado à região do Lago Chade na Antiguidade.

[24] MATTINGLY, D. J.; WILSON, A. Farming the Sahara: the Garamantian contribuition in Southern Libya, p.37; MATTINGLY, D. J. The Garamantes of Fazzan. In: DOWLER, A.; GALVIN, E. R. *Money, trade and trade routes in pre-islamic north Africa*. London: The British Museum Press, 2011, p. 53; MARICHAL, R. Les ostraca de Bu Njem. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n. 123-3, p. 436-452, 1979; OLIVEIRA, J. C. M. de. O forte romano de Gholaia (Bu Njem). Exército, sociedade e cultura na Tripolitânia romana. In: FUNARI, P. P. et al. *História militar do Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 185-186.

Indo de encontro às concepções de Brett,[25] Desange[26] e Ennabli[27], que consideram as rotas que ligavam a África Subsaariana ao Mediterrâneo um apanágio da época islâmica, Liverani[28] e Mattingly[29] afirmam que desde o século VI a.C. a travessia do Saara era realizada por grupos líbios especializados no comércio – a exemplo dos próprios garamantes –, o que pode ser demonstrado pelos comentários de Heródoto (*Historiae*, IV, 183-185) acerca das jornadas regulares que ligavam o oásis de Siwa – no Egito – à bacia do rio Níger, atravessando o Fazzan.[30] Fontes importantes no sentido de corroborarem a participação dos garamantes no comércio transaariano são os artefatos encontrados nos cemitérios localizados em Wadi al-Ajal, compostos por produtos de proveniência diversa, tais como ânforas, lamparinas e vidros romanos, além de joias, pulseiras e marfim subsaarianos. Esses dados documentais confirmam a posição estratégica do Fazzan como espaço de intermediação entre o Mediterrâneo e as regiões ao sul do Deserto do Saara.[31]

Os contatos recorrentes dos habitantes do Fazzan com a costa mediterrânea são indicados por Tácito (*Historiae*, IV, 50), que narra o episódio do auxílio militar oferecido pelos garamantes à cidade de Oea no conflito fronteiriço com Lepcis, ocorrido em 69. Tal acontecimento fora rememorado por um mosaico de finais do século II, erigido na vila de Zliten, próxima à Lepcis. Na representação musiva, alguns indivíduos identificados como garamantes são condenados à *damnatio ad bestia*, isto é, são executados como inimigos públicos por intermédio da pena capital do lançamento às feras selvagens no anfiteatro.[32]

[25] BRETT, M. Libya and the Sahara in the history of Africa. In: MATTINGLY, D. et al. *The Libyan desert*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 271.
[26] DESANGE, J. *Toujours Afrique apporte fait nouveau scripta minora*. Paris: Boccard, 1999.
[27] ENNABLI, A. Entre Afrique du nord antique et Afrique sub-saharienne: un obstacle infranchisable. In: BAZZANA, A.; BOCOUM, H. *Du nord au sud du Sahara*. Paris: Editions Sepia, 2004, p. 23-24.
[28] LIVERANI, M. The libyan caravan road in Herodotus IV. *Journal of the Economic an Social History of Orient*, n. 43, p. 496-520, 2000; LIVERANI, M. *Aghram Nadarif*: a Garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft. Florence: Society for Libyan Studies, 2006, p. 458-459.
[29] MATTINGLY, D. J. The Garamantes of Fazzan…, p. 50-52; MATTINGLY, D. J. The Garamantes and the origins of Saharan trade. In: MATTINGLY, D. et al. *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge Unviersity Press, 2017, p. 1-4.
[30] Corroborando com as ligações comerciais antigas da África Subsaariana com o Mediterrâneo, FENN, T. R. et al. Contacts between West Africa and Roman North Africa: archaeometallurgical results from Kissi, northeastern Burkina Faso. In: MAGNAVITA, S. et al. *Cultural and technological developments in frrst millennium BC/AD West Africa*. Paris: Africa Magna, 2009, p. 119-146, investigaram as diferentes peças de bronze, datadas entre os séculos II a.C. e IX d.C., encontradas nos cemitérios de Kissi (atual Burkina Faso). Após análises químicas realizadas nos artefatos metálicos descobertos nas escavações, concluiu-se por sua procedência mediterrânica e pela ocorrência de um tráfico transaariano pré-islâmico no continente africano.
[31] MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*: volume 4, p. 235.
[32] AURIGEMMA, S. *Italy in Africa*: archaeological discoveries (1911-1943). Volume I: Monuments of decorative art: mosaics. Rome: Istituto poligrafico dello Stato, 1960, plate 137; 151; 154; 156; DUNBABIN, K. M. D. *Mosaics of the greek and roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p.120 – 121; LIMA NETO,

De acordo com os marcos miliários existentes na Tripolitânia (*Inscription of Roman Tripolitania*, 941-959), havia, na região, uma estrada que conectava diretamente as cidades da costa mediterrânea ao Fazzan. O ponto de partida da via se localizaria em Oea, tomando a direção sul e passando pelas principais *villae* locais.[33] A estrada constituía um importante meio de comunicação e de transporte, interligando-se, na altura de Mizda, no Dahar, com a chamada estrada de Sofeggin, que passava pela cidade de Zintan e continuava até as terras dos garamantes. Pode-se conjecturar, por conseguinte, que a conexão Oea/Fazzan era a principal via de acesso ao litoral das caravanas subsaarianas que atravessavam o interior da Tripolitânia, abastecendo os mercados mediterrâneos com marfim, ouro, escravos e bestas selvagens utilizadas nas *venationes*.[34]

Em direção à África Subsaariana, as conexões dos garamantes com a bacia do Níger e com o Lago Chade são mencionadas por fontes escritas grecolatinas, como Heródoto (*Historiae*, IV, 183-185) e Cláudio Ptolomeu (*Geografia*, I, VIII), e confirmadas pelas recentes escavações realizadas pela Missão Ítalo-Líbia em Aghram Nadharif, que confirmam o controle exercido pelos garamantes sobre as rotas meridionais que rumavam à região de Gao e Agisymba. Como demonstram as pesquisas realizadas nas últimas décadas por Liverani e Mori, o Wadi Tanzzuft se caracterizava como um território de fronteira e estratégico do comércio dos garamantes com a África Subsaariana, localizando-se numa região de passagem obrigatória das caravanas que demandam o sul, vindas do Níger e do Chade. Tais vias de acesso eram guarnecidas, além disso, por pequenas aglomerações urbanas e fortalezas construídas pelos garamantes no Saara, sendo edificações fulcrais na própria tributação dos produtos que transitavam entre o Fazzan e o Sahel, tais como sal, ouro, tecidos, produtos agrícolas e escravos.[35]

B. M.; SILVA, E. C. M. A morte por danatio ad bestias nas arenas romanas: o Mosaico dos Gladiadores na villa de Zliten, na África romana (séc. II d.C.). In: CARVALHO, M. M.; OMENA, L. M. *Narrativas e materialidade sobre a morte na Antiguidade Oriental, Clássica e Tardia*. Curitiba: CRV, 2020, p. 205-218.

[33] Para JOLY, F. D. Terra e trabalho na Itália no alto império. In: SILVA, G V. da; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o império romano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 69, "A *villa* significava, antes de tudo, uma organização específica do espaço rural, baseada na propriedade privada da terra [...] com o objetivo de desenvolver o fornecimento de produtos específicos – vinho e azeite –, voltados para o mercado".

[34] *Venationes* eram os jogos romanos (*ludi*) consagrados a caçadas de animais selvagens, ocorridos nos anfiteatros espalhados pelas diferentes províncias imperiais. GARRAFFONI, R. S. *Gladiadores na Roma antiga*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 21-22; LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia*. Curitiba: Prisma, 2016, p. 110-111; WILSON, A. Saharan exports the roman world. In: MATTINGLY, D. et al. *Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge Unviersity Press, 2017, p. 189-208.

[35] WILSON, A. Saharan exports the roman world…, p. 189-208.

A partir dos dados elencados acima, que indicam o intercâmbio dos garamantes com a costa mediterrânea e a África Subsaariana, o Fazzan se caracterizaria como um espaço nodal de intermediação entre o Império Romano e as regiões limítrofes ao sul do Saara (conforme pode ser observado no Mapa 3, que apresenta a representação cartográfica das rotas transaarianas existentes na Antiguidade). A própria emergência do Estado Garamante como uma importante entidade política na região tem relações umbilicais com sua localização estratégica, que lhe proporcionava oportunidades ímpares de enriquecimento via comércio e diplomacia com terras e povos diversos. Como afirma Liverani,[36] a existência de uma potência comercial no Saara entre os séculos III a.C. e VI d.C. não pode ser desassociada dos resultados do desenvolvimento econômico proporcionado pela mundialização romana, fato que inegavelmente alargou fronteiras e possibilidades de intercâmbio entre localidades variadas e longínquas no Mundo Antigo. Aproveitando-se de sua posição privilegiada, entre o Magreb e o Sahel, os garamantes consolidaram sua posição de poder no Fazzan, respondendo de modo autônomo aos imperativos do expansionismo romano, o que, com grande probabilidade, potencializou a organização de um Estado centralizado que geria uma sociedade urbana, hierarquizada e complexa, estruturada em torno de uma exploração agrícola intensiva e com sofisticada tecnologia hidráulica.

Mapa 3 – Rotas comerciais que demandavam ao Fazzan



Fonte: Mattingly (2003, p. 5)

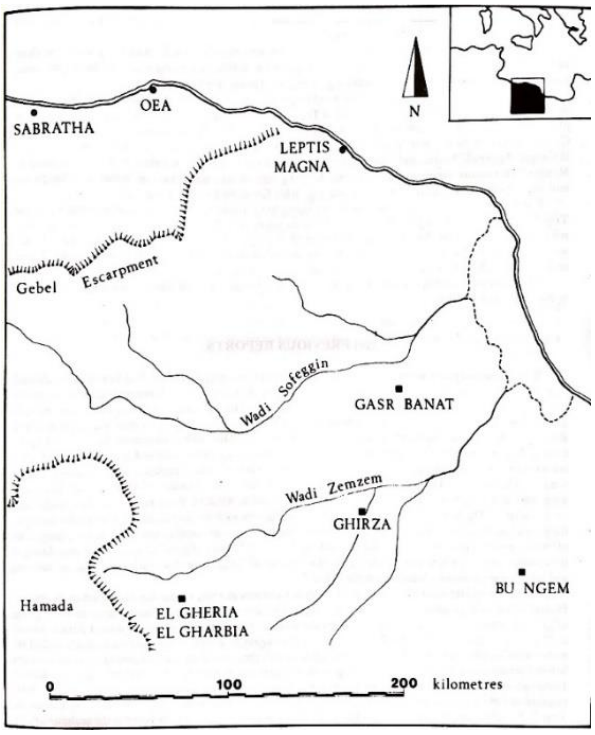
[36] LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the Garamantian kingdom. In: _____. *Arid lands in roman times*. Firenze: Edizioni All'insegna del Giglio, 2003, p. 23-36.

Outro sítio arqueológico que hoje suscita uma série de possibilidades de interpretação é o de Ghirza. Escavado e trazido à luz pelo pioneiro trabalho de Brogan e Smith,[37] o assentamento localiza-se a 250 km a sudeste da antiga cidade de Oea, atual Trípoli (conforme se observa no Mapa 4), sendo constituído por uma vila composta por 40 habitações de tamanhos variados, indo de pequenas construções de apenas dois cômodos a grandes *habitats* compreendendo variados ambientes, fato que demonstra as hierarquias sociais presentes no sítio. As habitações distribuíam-se, ademais, no entorno de uma estrutura fortificada e de um templo, provavelmente prédios de uso público e que sediavam os representantes do poder político local.[38]

Anexo à vila, observa-se a existência de um terreno agrícola abastecido com um sistema de irrigação que aproveitava as águas pluviais e dos lençóis freáticos canalizadas das encostas do Wadi Ghirza para a fertilização do solo de uma região situada no pré-deserto.[39] O sítio desenvolveu-se a partir do século III, com a sedentarização dos *macae*, grupo líbio local. O processo de assentamento dos *macae* esteve provavelmente relacionado com a expansão agrícola nas terras próximas ao *limes tripolitanus*, atendendo às requisições de gêneros alimentícios demandados pelos inúmeros fortes romanos instalados na região a partir do reinado de Septímio Severo.[40] Corroborando com tal conjectura, pode-se citar as ostracas (76-79) descobertas no forte romano de *Bu Njem*, localizado próximo a Ghirza e abastecido com produtos agrícolas provenientes de caravanas de camelos chefiadas por indivíduos denominados com nomes líbios, tais como Iassuchtan, Iaremaban e Macargo.[41]

[37] BROGAN, O.; SMITH, D. J. *Ghirza*: a libyan settlement in the roman period. London: Libyan Antiquities, 1984.
[38] BROGAN, O.; SMITH, D. J. *Ghirza*: a libyan settlement in the roman period…, p. 42-43; MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity*. Princeton: Princeton University Press, 2011, p. 247-248.
[39] BROGAN, O.; SMITH, D. J. *Ghirza*: a libyan settlement in the roman period…, p. 45-46.
[40] MATTINGLY, D. J. Explanations: people as agency. In: BARKER, G. *Farming the desert*. Tripoli: Unesco, 1996, p. 326-331,
[41] MARICHAL, R. Les ostraca de Bu Njem. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n. 123-3, p. 436-452, 1979; OLIVEIRA, J. C. M. de. O forte romano de Gholaia (Bu Njem). Exército, sociedade e cultura na Tripolitânia romana. In: FUNARI, P. P. et al. *História militar do Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 173-196.

Mapa 4 – Localização de Ghirza na Tripolitânia romana



Fonte: Brogan e Smith (1984, p. 35)

Em decorrência dos contatos comerciais no *limes tripolitanus*, em Ghirza, desenvolveu-se uma complexa relação política e cultural com Roma, evidenciada nas escavações arqueológicas nos inúmeros mausoléus erigidos pelas principais famílias locais. O que se deduz das tumbas funerárias das elites de Ghirza é um processo intenso de apropriação cultural. Os mausoléus foram construídos com inegável estilo mediterrâneo, fazendo uso de frisos, colunas, arcos, capitéis, além de inscrições epigráficas latinas (Figura 3). Apesar de possuírem autonomia frente às ingerências político-militares romanas, as lideranças locais claramente exaltavam suas reivindicações de status e poder por intermédio da exibição de elementos simbólicos que demarcavam sua proximidade com o Império Romano.[42]

[42]NIKOLAUS, J. Beyond Ghirza: roman-period mausolea in Tripolitania. In: MUGNAI, N.; NILOLAUS, J.; RAY, N. *De Africa Romaque*: merging cultures across north Africa. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 211-212.

Figuras 3 – Mausoléu de Ghirza



Fonte: UNESCO Libyan Valleys Archaeological Survey (1996)

Em consonância com as interpretações de Mattingly,[43] pode-se conjecturar que a utilização dos elementos culturais romanos foi uma estratégia levada a cabo pelas chefias de Ghirza como meio de reforçar sua liderança e poder, colocando-se como intermediários entre Roma (uma poderosa potência política estrangeira) e a população local. A partir de uma perspectiva latina, eles se colocariam na posição de *princeps gentium*. Tal fato, contudo, não diminuía o prestígio das famílias dirigentes, que, em seus mausoléus, também exprimiam seu poder político e econômico em frisos que enalteciam o potencial agrícola de suas terras, as caravanas de camelos sob seu controle e os cortejos de tributos que lhes eram oferecidos por seus subordinados (Figura 4). Ao encontro de tal percepção, ainda convém citar uma inscrição latina encontrada próximo aos mausoléus em Ghirza, que exalta a celebração de ritos religiosos em honra do deus líbio Gurzil, nos quais foram sacrificados 51 touros e 38 cabras, fato que evidencia a riqueza e o consumo conspícuo da elite local.[44]

[43] MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity*…, p. 246-268.
[44] MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity*…, p. 246-268; BROGAN, O.; SMITH, D. J. *Ghirza*: a libyan settlement in the roman period…, p. 182; p. 262.

Figura 4 – Ritual de entrega de tributos em Ghirza



Fonte: Brogan e Smith (plate 78)

As novas perspectivas historiográficas, sistematizadas por Brogan e Smith, Mattingly e Nikolaus, veem como um equívoco a tradicional compreensão dos artefatos materiais descobertos em Ghirza como exemplos de aculturação, denotando, por conseguinte, uma submissão da cultura local frente aos aportes da romanização. Hoje, os autores que se debruçam sobre o sítio arqueológico de Ghirza percebem a apropriação dos marcadores identitários romanos como elementos de diferenciação de uma elite que almejava colocar-se numa posição excelsa frente aos seus pares. De todo modo, qualquer que tenha sido o interesse em manipular elementos estrangeiros, as chefias locais não se eximiram de manter suas tradições ancestrais, visto que, sob os mausoléus de um inequívoco caráter mediterrâneo, encontravam-se câmaras funerárias subterrâneas onde se inumavam os mortos obedecendo um ritual líbio identificado com o culto aos antepassados.

Recorrendo-se a Pompônio Mela (*Corografia*, 1, 8, 45) e a Heródoto (*Historiae*, IV, 172), observa-se como prática costumeira entre os líbios da Antiguidade a exaltação religiosa dos ancestrais, com rituais religiosos específicos que tinham como *locus* privilegiado a tumba dos antepassados. O rito é descrito por Pompônio Mela da seguinte forma: "Os *Augilae* consideram os espíritos de seus ancestrais como deuses, [...] e os consultam como oráculos, [...]

tratando os sonhos daqueles que dormem em seus túmulos como respostas [aos pedidos solicitados]". Os mausoléus construídos em Ghirza eram equipados com amplas câmaras funerárias subterrâneas, cujos anexos foram constituídos por antessalas providas com uma espécie de leito, provavelmente destinados a ritos religiosos em homenagem aos mortos, como os descritos por Pompônio Mela e Heródoto. Não por acaso, numa das tumbas encontra-se a seguinte inscrição epigráfica, fato que demonstra a afinidade do monumento com celebrações tradicionais de culto familiar: "*Marchius Chullam* e *Varnychsin*, pai e mãe de *Marchii Nimmira* e *[M]accurasan*, que construíram este memorial para eles. [...] Que seus filhos e netos o visitem alegremente".[45]

Considerações finais

Evidencia-se, nos sítios arqueológicos de Ghirza e do Fazzan, uma contraposição patente em relação às interpretações tradicionais. Para além das representações verificadas nas fontes literárias antigas e reproduzidas por determinadas percepções historiográficas, exaltando a dicotomia romanos/africanos, o que se verifica, a partir das recentes escavações, é a existência de uma relação complexa e dialógica dos diferentes grupos líbios com o Império Romano, em termos econômicos, políticos e culturais. Com o aporte precioso da cultura material, principalmente com os trabalhos realizados pelo *Fazzan Project* e pela Missão Ítalo-Líbia, ambos no território garamante, e pelas escavações levadas a cabo por Brogan e Smith (1984), em Ghirza, enfatiza-se as diferentes possibilidades de agência histórica dos grupos étnicos norte-africanos em contato com os afluxos culturais e materiais romanos.

As consequências do expansionismo romano no Fazzan e em Ghirza são diversos, dando ensejo atualmente a múltiplas reflexões. Em relação aos garamantes, provavelmente representou a oportunidade de intensificar uma via transaariana de comércio tradicional, reforçando, por conseguinte, a posição política e econômica de um Estado emergente nas bordas setentrionais do Saara. Deve-se, sobretudo, à atuação garamante na Antiguidade a existência de um intercâmbio comercial entre a costa mediterrânea e a África Subsaariana, fato que explicita a posição chave do Fazzan como espaço nodal no Norte da África romano. No tocante à Ghirza, os afluxos da influência cultural mediterrânea foram apropriados pelas principais famílias dirigentes como uma estratégia de reforço de sua autoridade, colocando-se, na perspectiva

[45] INSCRIPTIONS OF ROMAN TRIPOLITANIA. Rome: British School at Rome, 1952, n. 898.

latina, como *princeps gentium*, isto é, como intermediários privilegiados entre a população local e uma poderosa potência estrangeira.

Os exemplos dos garamantes e dos macae, aqui analisados, enaltecem a ação histórica dos líbios na Antiguidade. Os diversos expedientes levados a cabo por eles para responderem, de acordo com seus interesses, às pressões exercidas por Roma configuram oportunidades ímpares de repensar seus estratagemas políticos, econômicos e culturais, numa percepção que os coloca como atores privilegiados de sua história, afastando-os de qualquer interpretação que os relegue à posição de aculturados ou beligerantes inveterados. Em suma, as novas perspectivas historiográficas, ao jogarem luz sobre a atuação de grupos vistos antes como marginais à ordem romana, indicam modos originais de perceber e interpretar a Antiguidade clássica, sublinhando, no caso dos líbios na África romana, a importância das investigações acerca do Mundo Antigo para o avanço da africanologia.